

O Rei Menos o Reino

Augusto de Campos

Livro: VIVAVALA

1

Onde a Angústia roendo um mão de pedra
Digere sem saber o braço esquerdo,
Me situo, arando este deserto
Se areia areia areia oás e areia.
Este é o reino do rei que não tem reino
É que – se algo o tocar – deitar-se em pedra.
Esta é pedra forte que se faz gente
- Por milagre? De mão e palma e pele
Este é o rei e este é o reino e eu sou ambos
Soberano de mim: O que fui, toito,
Solitário sem sol ou solo em guerra
Contra e contra mim e entre meus dedos.
Por isso minha voz escande outra
Que em suas dobras desenvolve outra
Onde em forma de som perdeu-se o Canto
Que eu sei onde mas não ouço ouvir.

2

Neste reino onde seu canto ao som de areia
Às vezes o ar se move se ouzui vóvó
Que – despistas dos corpos – se aproximam
Da minha voz nunca do meu canto,
De sob a rocha escuto os finos rios
De mercúrio torcendo-se de frio
Até que meu ouvir se precipitam:
- Um sol, mesmo sem sangue, mas um sol
Mas que ilumine o olhar, mesmo sem brilho,
E a dura voz a dura dura voz
Dos convos douré... [Aqui retorna o vento.]
- Ô vós, plumas de plumas, cores – grito –
Do ar sem cor que vos rouba ao meu ouvido,
Que senta do vosso rei sem vós?
Da rocha onde meu nome está gravado
E sob a qual me assento antes de mim,
Desto trono sarino que o meu sono
Sonhou de seda e mão de sol ou céu
Vou concertar o que sei do que pedir:
Vinde e vovós florir um sol no céu
E um céu se desdobrar do olhar do sol,
Neste reino onde o céu é o vosso ar alto,
Onde o sol é de pedra como o canto.

3

Do que há de ouro na palavra **doce**
Levo-me aos teus cabelos, não a ti.
Cabelos que iluminam quando morres
Um rosto ainda mais claro do que de ouro
Dos teus olhos molhados água o mar
Que o teu olhar detém e duas conchas
Enxerem. Que outra seda enterraria
O que há de azul entre os olhos e o mar?
Do que há de morto na palavra outono
Golgo o teu corpo – não a ti – teu corpo
Mais alvo de fechares contra mim
Dulcamara, porém que fazes do ar
Quando começo: **Mar...** – apenas vento?
- **Amara** amara amara mar e amarga.

4

Nesse reino
Onde eu sou o rei e és a morta rainha
Onde eu sou
O rei e és a rainha morta e a morte
São meus braços,
O reinado reino onde os tristes vassalos
Nunca encontram o rei que em si mesmos procuram
E onde o rei se coroa à falta de vassalos
E onde à falta de reino pisa o próprio corpo
(Duro reino)
Tu, que apenas me resta, tu, agora morres,
Morres a dura morte
Na carta do basalto em que te enterram viva.
Rainha morta
Morta neste reino
Onde és tu a encantada, dura como as pedras
À seda que adormece teus ouvidos:
Já que eu não posso mais desencantar-te
Ao meu canto que é antes Desencanto
Encanta-me contigo
Morta e rainha à tua
Mais do que fala
Fábula.

5

ANGÚSTIA: eis a flor marcada a ferro
Que um vento solitário, o DESESPERO
Incrustou numa pedra nua, o TÉDIO.
ANGÚSTIA: eis a flor cortada a serra.
A flor? A outrora. A redondeza:
Aroma alma sedas flor? Outrora.
Um vento sem possada trabalhou-a,
Recortou com mais calma suas linhas
E desdobrou esta ferida: ANGÚSTIA.
E sob a flor o caule a senguendo
O caule? Outrora o caule, o longo caule.
Um vento. Um vento o belo, o CÔCO,
Torceu-se a sua volta e fi-lo vento.
Em seu lugar eu fui nascido a sangue.
Fôs que a raiz sugou sugando lenta,
[A raiz? póvo sempre trêvis: o MEDO,
A raiz se movendo sob a pedra.]
Boca mordendo a flor mordendo o vento.
E o meu corpo das trevas prisioneiro
Entre a raiz e a flor alimentando.
E a minha voz. A minha voz? Outrora
Hoje perdida em nervos pelas folhas.

6

A esta margem de areia tão igual a outras tantas
Os meus pés me trouxeram como quem traz um corpo.
Daqui eu me lancei ao mar em posição mortal
E encarnada sobre o meu nome em várias línguas.
Antes, porém, cuidei de ter confirmados os olhos
Para que os pálpitos nunca escultassem nunca
As duas luzes.
Assim como a minha voz ofende os peixes mudos,
Assim eles enfunecem ante as luzes
E assim seguem o rasto do seu brilho
E arrastam as escamas sobre eles.
Que dizer dos serenos monstros gelados
Os quais têm uma voz de sangue sufocando
A voz que eles não têm?
O mar é frio, é fria a sua face.
Porém é a mesma lei do sangue dividido as frias
Formas que ele animou.
O homem é o menos ágil neste elemento.
O ar o mais escasso.
Pessoa a força que me sustem de pé e imóvel
Sobre o mover das águas.

7

Povo meu é meu póvo
Nas cabeças escuras e nos braços amargos.
Onde os teus olhos, onde
Em tanto viço e areia?
Estremece os braços, vem de longas águas.
Onde os teus olhos onde?
Escureram no viço a clara substância
Ou a areia os enauga até as tribas raízes?
Moves a negra massa e negra
Gulam-na os olhos cegos como bocas.
Moves-te em derredor e enquanto dormes
Deitas um rasto sempre o mesmo negro.
Serão teus estes crânios escuros que parecem
Vivos embora escuros crânios,
Estas bocas sem lábios que vomitam sangue
E devoram devoram outros crânios escuros
Pelas nuças inertes?
O póvo me extenuado povo
Monstro de carne e sono que se move
Como eu caminho ao meu redor sombrio.
Que mais queres de mim além de mim?
Arrancaste-me a língua e a hera sobre estas pedras
Pedras
Que se rompem de mim com o sangue dos meus
vasos.
E eu mordo com meus dentes em madeira oferta:
Quando começo: = Mar... = os teus ouvidos
apodrecem
[Não se comove a tua massa, move apenas
Aquelas negras, negras vozes,

ARALDO

Sejam bem vindos senhoras e senhores,

A idéia da criação desta obra cênica inicia-se em 1995 e chega aos palcos em 1999 com "Rainha Morta" e em 2001 com "Rei? Ou? Nêto?". Hoje completa a última fase desta trilogia com "Discurso ao Peko".

O alôncore deste espetáculo está galgado no poema de Augusto de Campos: "Rei Morto o Reino" e dentre alguns minutos inicia-se a última trajetória deste nobre personagem surreal.

Portanto, na passagem de vossa alteza:

SORRIR SEMPRE.

DESUGAR O CELULAR

GUARDAR A CÂMERA DE FOTO OU VÍDEO

AO SENTIR SONO, NÃO BOCEJAR

A PALAVRA CANSA, FINJA GOSTAR

DESEJA SAIR, NÃO LEVANTE.

MANTENHA OS OLHOS ABERTOS ATÉ O APAGAR DAS LUZES

E NO FINAL,

NÃO DIGA NADA DIANTE DO REI.

BOM ESPETÁCULO!

DISCURSOS

Discurso de Gettysburg (esfera pública)

Abraham Lincoln

Os valentes homens vivos e mortos que aqui combateram já me consagraram muito além do que eu jamais poderia acrescentar ou diminuir com meu fraco poder.

O mundo muito pouco atentará e muito pouco recordará o que aqui eu disser, mas não poderá jamais esquecer o que eles aqui fizeram.

Cumpra-nos a nós os vivos dedicarmo-nos hoje à obra inacabada até este ponto tão nobremente adiantada pelos que aqui combateram.

Inspirem-nos maior devoção às causas pelas quais lutaram e que esta obra venha gerar uma nova liberdade à esta Nação.

Coluna do caderno 2 do estado de 23/11/2010 (esfera privada)

Arnaldo Jabor

Meu plano pra governar é uma roda de malandragem de negociatas que deixam cair pelas brechas pelas frestas das maracutias.

Migalhas de progresso. Esta é a eterna verdade desde a Colômbia, tão eterna quanto à miséria que sempre haverá.

Querem o quê? Que eu fique magro também, que eu divida as minhas conquistas com os quais nada têm.

Querem socializar a miséria? Quando eu faço uma piscina azul em meio à seca, não é crueldade, porque é preciso que alguém tenha piscina na caatinga para que a dor dos miseráveis seja suportável. A vida do pobre ganha um sentido hierárquico: ele está embaixo, mas se consola porque eu vivo feliz em cima.

Carta escrita por GW (depoimento pessoal de um homem público)

Getúlio Vargas

E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória.

Era escravo do povo, mas este povo não mais será escravo de ninguém. Lutei contra a violência do povo. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Dou o primeiro passo no caminho da eternidade.

RICARDO II – WILLIAM SHAKESPEARE

Ricardo –

Estou ouvindo música?...

Ah! Contai o tempo.

Como é desagradável ouvir a doce música quando não se contam bem os tempos e não se observa o compasso!

O mesmo acontece com a música da vida humana. E aqui meu ouvido é bastante delicado pra surpreender o tempo, numa corda desafinada; porém, não tive ouvidos pra observar que meu tempo se achava faltando na harmonia que devia reinar entre meu poder e o tempo.

Abusei do tempo e agora o tempo abuse de mim, pois agora o tempo me tomou pelo relógio que marca suas divisões em meus pensamentos, neste quadrante exterior de meus olhos.

Os suspiros são os segundos.

As lágrimas são os minutos.

Os lamentos são as horas.

Em seu lugar eu fui rasgado a sangue (A.C.)

Porém, o tempo corre rapidamente na orgulhosa alegria de outro homem, enquanto estou aqui fazendo o ofício estúpido de mola de seu relógio.

Esta música me enlouquece que não toque mais.

Entretanto, bendito seja o coração que proporcionou este concerto!

É uma prova de afeição; e a afeição para Ricardo é uma jóia preciosa neste mundo de ódio total.

É o meu corpo das trovas prisioneiro.

Entre a raiz e a flor alimentando.

É a minha voz. A minha voz? Outrora

Hoje perdida em nervos pelas folhas.

Augusto de Campos